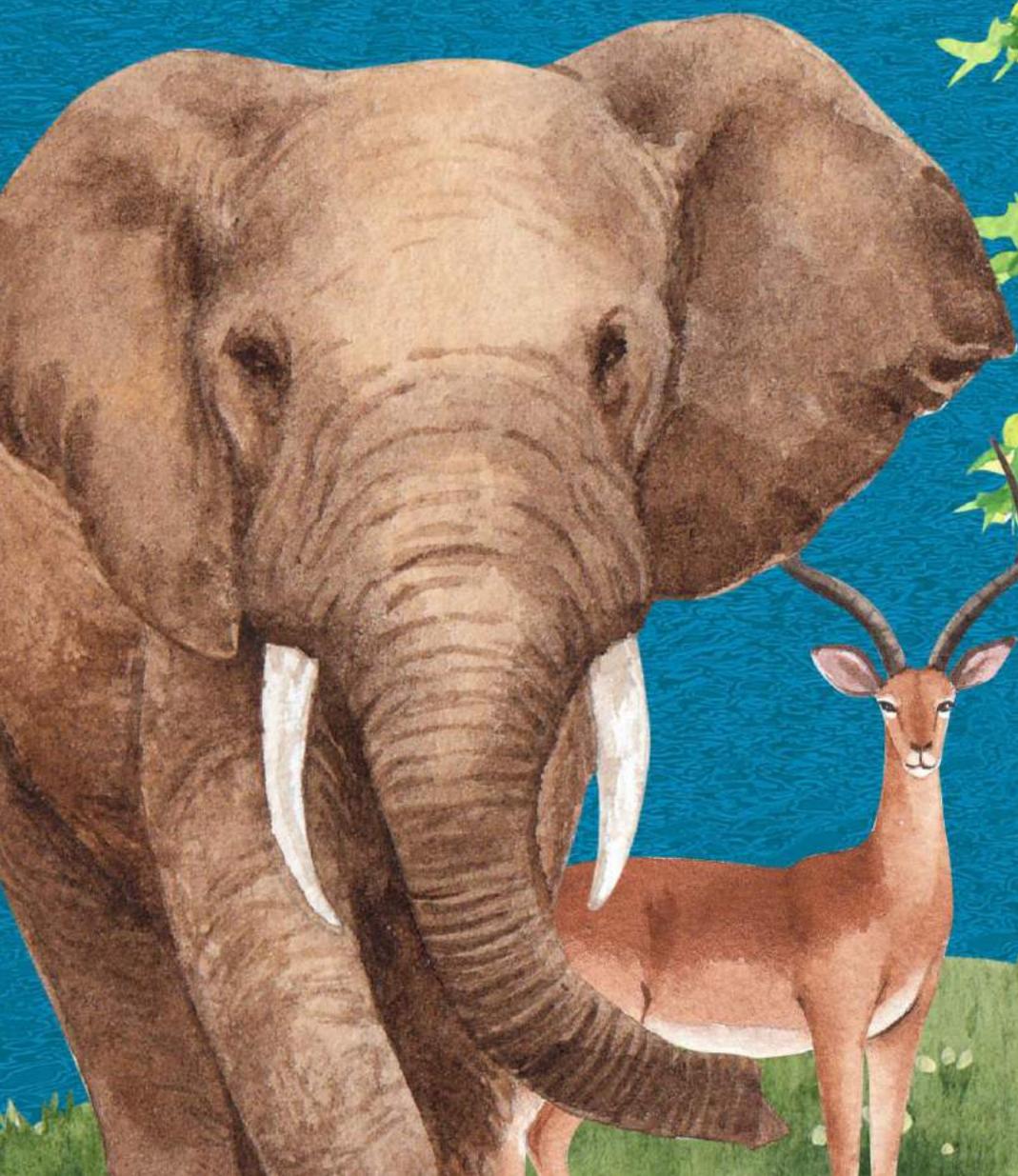


contos e poemas

SOBRE A FLORESTA
E O REINO ANIMAL

Ademir Pascale
organizador



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-57313-8

2022

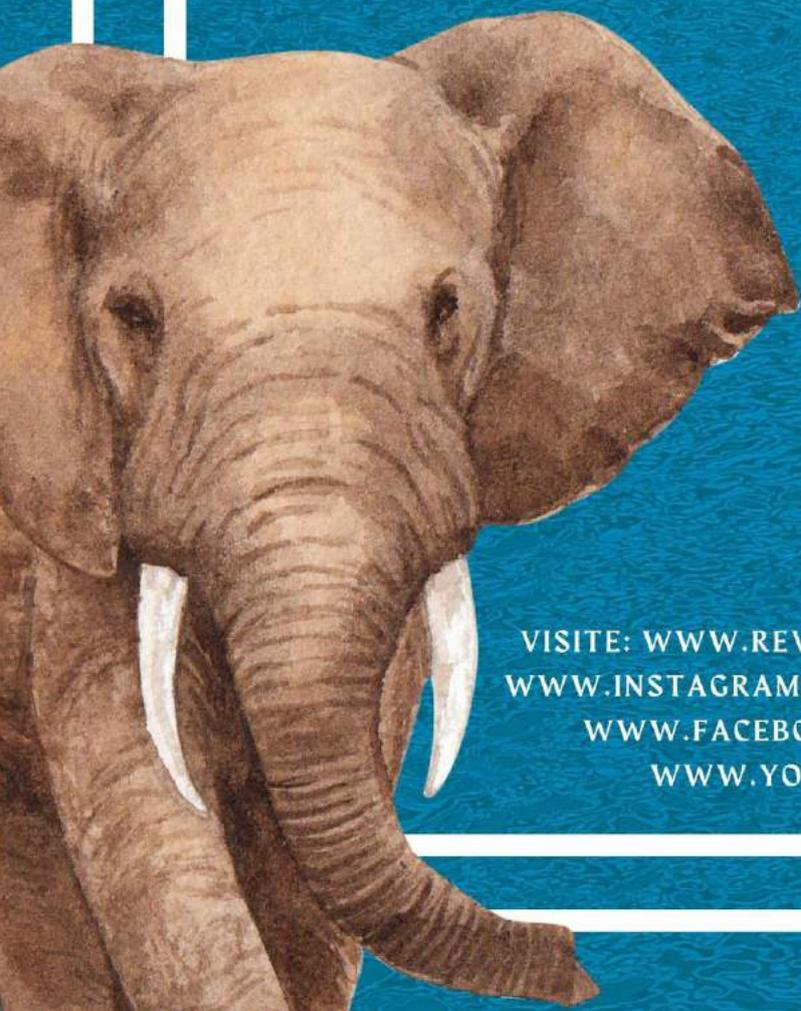
Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- RINOCERONTE, POR AUGUSTA MARIA REIKO, PÁG. 05
NA FAZENDA, POR AUGUSTA MARIA REIKO, PÁG. 07
O UIVO DO LOBO ESCONDIDO, POR CIÇA RIBEIRO, PÁG. 09
DIVINA NATUREZA, POR KHETLYM CAROLINE, PÁG. 13
MÃE NATUREZA, POR KHETLYM CAROLINE, PÁG. 15
RUGE, POR MEIRE MARION, PÁG. 18
UMA ÁRVORE CHAMADA LIBERDADE, POR NELLA FERREIRA DA CONCEIÇÃO, PÁG. 20
ADEUS, ZÉ BODE - PARTE I, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 25
ADEUS, ZÉ BODE - PARTE II, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 30
VERDE E DENSO ORGANISMO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 34
ONÇA-PINTADA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 37
ROBIN, MEU SABIÁ!, POR SELMA LUANNY, PÁG. 40
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 42



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

**CONTOS E POEMAS
SOBRE A FLORESTA E O
REINO ANIMAL**





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Rinoceronte

Por Augusta Maria Reiko

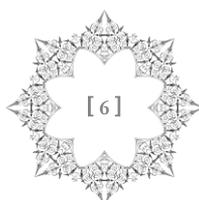
Sobre a autora: Natural de Porto Alegre/RS, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a UNESCO) e o e-book "Lembranças" publicado pela editora Unifal/MG em 2022.

Antigamente havia
Rinocerontes
Aos montes.

Até que o bicho Homem
Inventou a caça
E desejou uma taça.

Precisou arrancar os cornos
Para brincar de palhaço.
Dando risada de cada estilhaço!

E depois o burro é burro,
O macaco não sabe de nada
E o bicho Homem é consolado pela fada.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

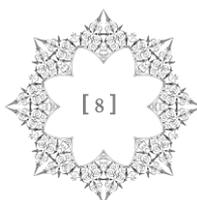
Na fazenda

Por Augusta Maria Reiko

Sobre a autora: Natural de Porto Alegre/RS, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a UNESCO) e o e-book "Lembranças" publicado pela editora Unifal/MG em 2022.

Eu bebo o leite que veio da vaca
Que namora o boi no pasto
Que aquece a terra pacata
Que sustenta a casa do meu padraço
Que adora dormir na rede
Que é feita de algodão
Que enfeita a parede
Que forma a casa vinda do chão
Que protege as raízes das árvores
Que unidas formam a floresta
Que exala o perfume das flores
Que a formiga viu de longe pela fresta
De onde vem um ventinho gostoso pra mim.

Eu devolvo o copo para a mesa de madeira
Que veio do fundo da mata
Que esconde aquela laranjeira
Que trouxe o doce pra lata
Que eu abri e comi tudo com gosto
Que me deu uma dor de barriga!
Que me fez visitar o médico no Posto
Que me deu um remédio pra lombriga
Que faz curar e veio da planta
Que a chuva insistiu em molhar
Que criou um riozinho com água santa
Que faz o peixinho nadar e nadar
Para as mãos de um pescador.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O uivo do lobo escondido

Por Ciça Ribeiro

Sobre a autora: Bacharel em Direito, é autora de livros infantojuvenis, contista, romancista, poeta, antologista. Membro de Academias Literárias. Autora de 18 obras infantojuvenis: três em formato físico, As Pontes Mágicas de Clementina e Uma Experiência Diferente, lançados de forma independente pelo selo EPN Editoria e Projetos, e The Magical Bridges Of Clementine, publicado pela Underline Publishing, e quinze obras em formato de e-books publicados na plataforma da Amazon.com.br. Coautora de diversas coletâneas e antologias poéticas. Coorganizadora da Coletânea MEUS AMIGOS IMAGINÁRIOS (2022) pela EHS Edições. TOP 5 no Prêmio Destaques Literários no FOCUS BRASIL 2021 na categoria Infantojuvenil e TOP 5 no Prêmio Destaques Literários no FOCUS BRASIL 2022 na categoria Romance. Concorreu ao Prêmio Sesc de Literatura de 2021 na categoria Romance. Possui livro digital na plataforma Google Play, Tika Books: Uma Experiência Diferente, como também vários contos e poemas publicados na Revista Conexões Literatura. Possui os poemas, Noites de Medo e Conversas Noturnas, pelo Podcast O Prazer de Ler de Oscar Garcia.

Eu não sabia de onde vinha o uivo
Só sabia que ele me dava medo
Não o via, mas o ouvia
Era um uivo que tirava o meu sossego.

Sempre ao anoitecer, o uivo passeava junto ao vento
Os pássaros se escondiam nesse momento
Eu não os ouvia
Eles tinham medo do lobo que viam?

Isso eu não sabia
Mas temia que nunca mais os pássaros ouviria
Será que eles fugiam por covardia?
Isso eu não sabia.

Sempre fui valente e corajoso
Fantasmas, sabia que não existiam
Mas, lobos, esses sim pelas matas viviam.

Resolvi desvendar esse mistério: por onde andava esse lobo que uivava?
Isso eu não sabia
Mas descobriria.

A noite de céu estrelado e lua alta encantava-me
Eu só não sabia o tanto que nela o lobo uivava
Nessa noite, caminhei pela mata onde
O silêncio dos bichos anunciava que o lobo ali estava.

Com minha lanterna acesa eu caminhei
À procura do covil onde o lobo habitava
E eu não parei...

Para minha surpresa avistei uma coruja
Sábia e astuta, guiava-me pela mata
Medo eu não tinha.

Apenas quando o uivo pela mata soava, é que eu sentia
O suor na testa que pingava
A astuta coruja percebia meu temor
E seguia à frente com muito vigor.

Minha missão: descobrir onde ficava o covil do lobo escondido
Mesmo isso sendo um perigo
Por isso segui a coruja pela mata enquanto o lobo escondido uivava
O uivo era encantado e a mim enfeitiçava.

Em um instante pensei ter visto o lobo espreitado na mata.
A minha vista medrosa já nada ao certo avistava
Segui com força e coragem
Tentando o medo espantar.

Enquanto o lobo escondido uivava
Eu, valente e corajoso, assim me gabava
De repente, a coruja sumiu.

E eu, só, e de lanterna acesa
Sem nada pensar
Resolvi parar.

Olhei para os lados
O uivo do lobo escondido havia sumido
Mas seus olhos me olhavam bem de perto
Enquanto eu pensava em fugir, pois era esperto.

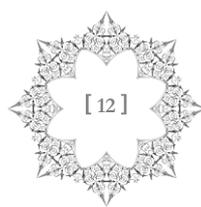
Nenhum som mais eu ouvi

Nem uivo
Nem nada.

Percebi que o lobo escondido
Tinha medo de mim
Assim que me viu
Seu uivo sumiu.

Pensou que eu fosse um caçador
E se calou de medo
O pobre lobo escondido ficou apavorado.

Dei meia volta de lanterna apagada
Fui embora
Melhor um lobo escondido e seu uivo ardido
Do que um lobo mudo e sumido.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Divina Natureza

Por Khetlym Caroline

Sobre a autora: Khetlym Caroline nasceu e foi criada no Rio Grande do Sul. Com 18 anos, ingressou na Universidade Federal de Santa Maria no curso de Letras-Inglês. Já trabalhou em cursinhos de idiomas e em escola bilíngue. Atualmente, dedica-se integralmente à universidade e à escrita. Em novembro de 2022, lançou o livro de poesias "Queria NÃO ser feminista" independentemente.

A vida é contínua
Contida em sua completude
Os lados dizem
O que os lagos veem
As árvores recitam
Com suas folhas balançando
O além

Não sou triste quando olho para ela
Sua vida me ilumina
Oh, natureza
Sua divina

A sua divindade me encanta
Em cada canto do meu olhar
Aqui em mim
Se faz seu lar

Nunca quero te perder
Que ter tua existência
Para manter sua essência

Te amo, natureza
Obrigada por existir
E exalar a sua beleza





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Mãe Natureza

Por Khetlym Caroline

Sobre a autora: Khetlym Caroline nasceu e foi criada no Rio Grande do Sul. Com 18 anos, ingressou na Universidade Federal de Santa Maria no curso de Letras-Ingês. Já trabalhou em cursinhos de idiomas e em escola bilíngue. Atualmente, dedica-se integralmente à universidade e à escrita. Em novembro de 2022, lançou o livro de poesias "Queria NÃO ser feminista" independentemente.

Os animais me encantam
Com cantos de poder
Podem cantar
Mas não podem escrever

Os animais me animam
Com danças espetaculares
Sou espectadora
De um show de se orgulhar

As hienas riem
A alegria expressam
De jeito simples
O mundo encantam

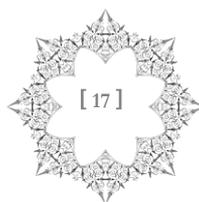
O mundo é perfeito
Totalmente bem-feito
Vejo com minha visão
A sua perfeição

A natureza é tudo
Os animais são partes
Partem de nós
Cuidar da totalidade

O voo dos pássaros
Trazem a vida à cidade
Cheio de obediência
Enchem nossos corações de felicidades

Eu cuido da natureza
Sem estranheza

Adoro-a
Vivo por quase dela
Os animais também
E a têm
Como motivo para viver





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ruge

Por Meire Marion

Sobre a autora: Professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021) e Dois Gatinhos(2021). Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

Leão, o rei da selva.
Realeza, imponente, bravo;
Patrulha um extenso território,
Enquanto as leoas caçam
E protegem os filhotes.

Ruge, Leão alteza da savana!

Mamífero carnívoro,
Hábitos noturnos e crepúsculos,
Descansa e dorme de dia.
Juba deslumbrante castanha ou amarela;
Sem esquecer da raridade,
O Leão de penugens brancos.

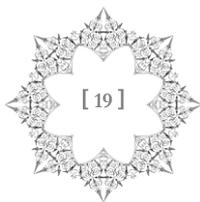
Ruge, Leão realeza dos bichos!

Afocinha e lambe a testa da leoa,
O focinho ou o pescoço,
Parece uma forma de saudação.
Saudação retribuída por um ou mais do bando.
Porém, as lambidas podem ser
Um simples banho coletivo,
Nos lugares onde não conseguem alcançar.

Ruge, Leão, felino majestoso!

Rugido de amor.
Rugido de proteção.
Rugido para assustar.
Rugido para território marcar.
Rugido para reunir.

Ruge, Leão majestade dos animais!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Uma Árvore chamada Liberdade

Por Nella Ferreira da Conceição

Sobre a autora: Portuguesa, casada com brasileiro. Graduada em História e Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia. Mestrado em Educação. 6 livros publicados sobre Educação, em coautoria. 8 contos publicados.

Avó Elisa morreu já velhinha. Viveu o tempo suficiente para me mostrar sua força interior que eu comparava a uma grande árvore frondosa, cheia de galhos viçosos. Na minha imaginação de criança, essa árvore tinha uma copa majestosa, uma imagem que, na época, eu considerava tão grande quanto a árvore do filme “João e a Árvore dos Feijões” que se elevava infinitamente até o céu. Cresci, lembrando-me das qualidades de minha avó.

Avó Elisa era uma mulher sábia e aberta a novas aprendizagens, era uma representação simbólica, uma dualidade entre cuidado e ousadia, entre o tradicional e o não tradicional. Sinto que tentarei viver com a força das árvores frondosas que vovó me inspirava, imaginando que, nos subterrâneos da terra daquelas árvores velhas, vicejam suas poderosas raízes que, ao se comunicarem umas com as outras, tornam suas flores eternas.

Os movimentos de adaptação interna do planeta Terra sugerem a mesma condição para as pessoas que, integradas ao ambiente, são elas próprias organismos que convivem à semelhança do planeta, assim eu creio. Eu era o próprio Círculo de Fogo emocional, como um fenômeno dramático do meio ambiente. Uma situação ameaçadora. Minhas placas tectônicas emocionais em choque provocaram, em mim, abalos tremendos.

O Círculo de Fogo, responsável por cerca de 90% dos abalos sísmicos e por 50% dos vulcões, no planeta, existe porque a sua área é a que mais apresenta encontros entre placas tectônicas, o que explica a sua instabilidade. É composto por uma série de arcos de ilhas vulcânicas, fossas oceânicas (vales profundos) e cadeias de montanhas ao redor de uma das maiores placas tectônicas do planeta, a do Pacífico. Essas atividades geológicas atingem boa parte da área mais densamente povoada da Terra, a Ásia. Por esse motivo, são registradas muitas tragédias nessa região, como o tsunami de 2004, que atingiu a Tailândia, a Indonésia e outros países, bem como o que atingiu a costa do Japão em 2011 e provocou o acidente na Usina Nuclear de Fukushima.

Essa situação climática e geológica me faz lembrar os terremotos emocionais que vivenciei. Com a mudança de continente e de país, num primeiro momento, tudo muda, desde o status social até os nossos sonhos. O risco de usar as referências que temos pode levar a um estado permanente de tempestade, com o vento e as ondas da praia a bater no paredão. A comparação é inevitável, mas nos rouba a felicidade. Em um primeiro momento, a busca pela minha identidade, depois, a luta pela segurança e sobrevivência em um país em que eu era estrangeira, trouxe-me dificuldades de adaptação. Busquei

longe minha avó: “Nunca me senti com tanto medo e frustração. Muitas vezes, tentei afastar minha insatisfação por tantos paradoxos que vivenciei.” Por outro lado, se pensarmos bem, andávamos todos atordoados com os acontecimentos no mundo: guerras, fuga de refugiados, deixando populações à deriva e, ainda, uma pandemia que, durante mais de dois anos, deixou milhões de mortes, mudando definitivamente o fluxo do mundo!

Literalmente, o mundo fica em chamas quando, principalmente, no verão, as árvores das florestas pegam fogo. As opiniões se dividem: uns dizem que pessoas insanas, ou descuidadas, contribuem para o fogo que se alastra. Outros acusam o ser humano de modificar o clima com atitudes de desrespeito ao meio ambiente. O mundo em chamas é uma metáfora que inclui o ambiente, o ser humano e a sua conduta.

Fenômenos climáticos são cada vez mais frequentes e devastadores. Durante a primeira guerra, o exército americano usou nomes femininos para esses fenômenos, a partir dos nomes de suas namoradas e esposas. Uma lista de nomes para ciclones tropicais foi criada em 1953, atualizadas pela OMM, agência do clima, da ONU, na Suíça. Continuando a pesquisa na internet sobre fenômenos climáticos, me deparei com uma questão de gênero: “Nomes masculinos foram adicionados, a partir de 1970. Em 2014, um estudo sobre ciclones, entre 1950 e 2012, mostrou que cada furacão com nome masculino causou, em média, 15 mortes, menos que as 42 mortes para esses fenômenos, com nomes femininos.”

Os ventos, mais do que os incêndios e outras causas, ameaçam as nossas florestas, provocando danos irreparáveis nas árvores. Furacões têm provocado verdadeiras tragédias ambientais, pelo mundo. O aumento da intensidade dos ventos é causado pelo aquecimento global, pela redução da capacidade de fixação do dióxido de carbono nessas áreas. Desde 1950, os ventos na Europa vêm derrubando um número, cada vez maior de árvores, alterando os ecossistemas e a estabilidade da paisagem.

No século XIX, em relação à vida das árvores, já se levantava a hipótese de que elas têm uma vida interior. Não são entidades solitárias, separadas, como poderíamos pensar sobre a sua aparência externa, com distanciamento umas das outras. Na verdade, elas se protegem através de uma estrutura rizomática de interação, no interior do solo. Nas florestas, as árvores estabelecem entre si, por meio das suas raízes, uma rede subterrânea de interajuda, construindo um comportamento coletivo de uma comunidade vegetal de fraternidade. Dessa forma, acabam sendo exemplo para os humanos.

Remontando à revolução francesa, no século XVIII, temos o exemplo da “Árvore da Liberdade” ou da “Fraternidade”. Na França, após essa revolução, o carvalho e, até mesmo, o choupo foram plantados por todo o país, como símbolo de uma nova era. Todas as cidades faziam questão de ter sua própria árvore, grande e majestosa, como representação dos novos tempos, em que o poder autoritário do rei teria sido banido da face da terra. Essas árvores simbolizavam a liberdade, a igualdade e a fraternidade entre os homens. Comunicações invisíveis a olho nu, através de suas próprias raízes, e que uniam os povos, estavam inscritas e reais nos mapas, também designados de plantas, nessa época.

Stefano Mancuso, neurobiólogo, estudou o comportamento das plantas e sua relação com os humanos. Ele afirma que, cerca de 1792, o Abade Grégoire escreveu: “Em todas as cidades se veem árvores magníficas que, erguendo a copa, desafiam os tiranos: o número dessas árvores chega a 60 mil, pois os vilarejos menores são enfeitados com elas e, em muitas das grandes cidades dos departamentos do sul da França, elas estão em quase todas as ruas ou mesmo diante das casas.”

Por terem sido símbolos visíveis de uma nova ordem social e política, elas foram alvo de respeito, mas também de represálias pelos inimigos da revolução. Foram queimadas, cortadas, sofrendo uma série de violências. Em 1800, restavam poucas árvores da liberdade. As sobreviventes foram rebatizadas de “árvores de Napoleão”. Depois, foram, definitivamente eliminadas, demonstrando o uso político das mesmas, conforme a ideologia de cada época.

Apesar dessa simbologia de fraternidade que caracteriza a própria natureza, o historiador inglês, Arnold Toynbee, que morreu em 1975, nos mostra como o homem acaba criando uma cisão, se separando da natureza à qual pertence: no início, o ser humano sentiu necessidade de se proteger em grutas e cabanas, deixando a natureza do lado de fora. Com o tempo, o homem foi construindo suas casas, cada vez mais complexas, acabando por criar um lugar onde a natureza sustentável não entra, deixando do lado de fora a plantação dos alimentos para a sua sobrevivência.

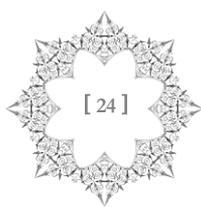
A nossa sociedade parece que caminha nessa direção, de sua separação em relação ao ambiente, com o aumento de número de pessoas morando cada vez mais em grandes cidades que, todas juntas, representam apenas 2,7% da massa terrestre do planeta. Existe, pois, uma grande concentração de pessoas em locais já com alta densidade demográfica. Calcula-se que, em 2030, 60% da população mundial, em média,

viverá em áreas urbanas, apresentando uma fase de contração. No entanto, Patrick Geddes, um botânico inglês, alerta que a sobrevivência das cidades se dá muito mais pelo apoio mútuo da sua população, como ocorre com as plantas, do que pela competição. “É em decorrência de um processo de coevolução semelhante, no qual humanos, meio ambiente, construções, redes, plantas e animais se transformam, que as cidades podem se desenvolver e prosperar.” Assim, para antecipar um futuro mais digno para o ambiente e para os homens, o índice de carbono no ar não é o único critério de avaliação.

A avó Elisa, cujas atitudes traziam um equilíbrio emocional para o nosso lar, influenciou a minha vida; esclarecia as escuridões embutidas nos nossos pensamentos jovens. Ela era autêntica e não disfarçava seus sentimentos. As mulheres mais velhas, como ela, não são perfeitas, não nasceram fortes, elas avançaram na vida como embarcações que, apesar de madeira, se defenderam dos furacões. Essas almas eternas nos mostram sua fortaleza que acalma as tempestades emocionais. Não apenas sobrevivem, mas renascem, vicejam, dando-nos exemplo de que a vida não permite desistências. Escutam Fernando Pessoa: “Segue o teu destino, rega as tuas plantas, ama as tuas rosas. O resto é sombra das árvores alheias.”

Algumas as árvores levam mais tempo para dar frutos. Outras precisam ser mais adubadas que suas irmãs. Temos aquelas árvores que podem apresentar flores, mas com o tempo, podem acabar caindo, reduzindo seus frutos. Outras, ainda, por algum motivo se enchem de bicho que não permite que seus frutos amadureçam. Precisam ser curadas. As pessoas, cada uma tem seu tempo; se forem companheiras, determinadas e se conhecem a compaixão, conseguem reconduzir suas vidas, dando frutos saborosos.

Assim, segundo o Abade Grégoire, a árvore da Liberdade na França, como símbolo, para não perecer, precisa de algumas características: ser uma árvore de primeira grandeza, forte para suportar o frio ou o calor, com uma copa que dê sombra e abrigo aos cidadãos e ter vida saudável para que possa durar séculos. Deve ser cuidada, sempre, pelos cidadãos de um país. Tal como a própria liberdade que representa.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Adeus, Zé Bode

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora, ainda, com a revista digital "LiteraLivre", de Ana Rosenrot. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

PARTE I

A tarde caía preguiçosa como se fosse o findar comum de mais um dia. A primavera iniciara, contudo, persistia um resquício da friagem do inverno. Era como se a natureza relutasse em dar passagem ao tempo e a novas mudanças.

Mas como impedir o fluir da areia?

Como interromper as gotas de chuva?

Até as montanhas tornar-se-iam seixos!

Um mundo de mistérios.

Num raro momento de silêncio na mata, as únicas coisas que se faziam ouvir eram o vento através das folhagens e a voz gasta do venerável ancião:

— Como tudo no universo foi criado? Quando surgiu o lampejo da vida? Quem criou *A Língua* através da qual nos comunicamos? Como era o mundo antes da revolta das plantas?

Os jovens alunos permaneceram em silêncio, olhos e ouvidos atentos.

Enquanto isso, logo adiante, a superfície da Lagoa da Meditação permanecia plácida.

Girinos nadavam.

Libélulas voavam.

Capivaras dormiam.

O velho prosseguiu, voz pastosa e lerda feito o rastro de um caracol:

— Os mistérios do mundo são infinitos, crianças. Como as estrelas no céu, preenchem o rio de nossas vidas com miríade de reflexos. Nunca deixem de se surpreender, de se maravilhar, de aprender. Compreendem?

Um coro de vozes infantis se fez ouvir:

— Sim, senhor, Mestre Tirugo!

Os tons variavam tanto quanto os contornos dos alunos: lebres, cabras, grilos, quero-queros, serpentes, onças, javalis, mariposas, lagartos, tatus, bem-te-vis, minhocas e vários outros.

O jabuti centenário sabia que a maioria respondera "sim" por força do hábito. Suspirou. Não era fácil ser o professor da comunidade. A sede pelo conhecimento era para poucos. Todavia, nutria a esperança de que ao menos um dos filhotes tivesse entendido, e a semente da curiosidade por ele plantada germinasse, crescesse e, quiçá, florisse.

Afortunadamente, sempre havia. No decorrer de inúmeras estações, Tirugo vira desabrochar seu virtuoso jardim.

"Sim, valeu a pena", pensou, suspirando mais uma vez.

De súbito, em meio a uma pausa na qual até o vento amainara, um zumbido aflito percorreu a clareira que fazia a vez de sala de aula.

— Mestre Tirugo! Mestre Tirugo! Mestre Tirugo! — gritou a abelha, esbaforida.

Realizou um voo errático até pousar na ponta do focinho do idoso jabuti, obrigando-o a ficar vesgo a fim de fitá-la, o que, naquela altura da vida, não era nada fácil.

— O que foi... — começou a dizer, interrompendo-se por não saber o nome do inseto, afinal, as abelhas eram tantas e tão semelhantes. — O que foi?

— É... Ufa!... É... Ufa!... É...

— Calma, recobre o fôlego.

Um burburinho partiu dos alunos.

Então, a agitada abelha falou de uma vez:

— É Zé Bode, Mestre Tirugo... É chegada a hora!

As crianças exclamaram "Oh!" num segundo coro. Todavia, dessa vez, sabiam o significado devido às conversas sussurradas pelos adultos. Matraca, sobrinha mais nova de Currupaca — e tão fofoqueira quanto esta — conteve-se em tagarelar tudo o que sabia. Ao contrário da tia, possuía um certo decoro e engoliu a própria língua. Limitou-se a eriçar as penas atrás da cabeça em sinal de excitação e temor.

O sábio jabuti também tinha ciência dos fatos. Cedo ou tarde, aconteceria.

— Aula encerrada, meninos e meninas.

Os diferentes filhotes de animais se dispersaram, deixando o espaço da clareira livre.

Mestre Tirugo sentiu uma familiar fisgada de tristeza no canto do coração e um peso maior dentro do peito. Forçou-se a ignorá-los e disse, resolutivo:

— Vou para os rochedos imediatamente! Como se chama, abelhinha?

Mais dona de si, ela respondeu:

— Meu nome é Orvalho, Mestre.

— Descanse em meu casco, Orvalho, enquanto me dirijo à morada de Zé Bode a toda velocidade.

O inseto, polidamente, recusou.

— Obrigada, Mestre, porém, meu tempo urge. Preciso voltar à colmeia e cuidar de Sua Alteza, a rainha... Minha mãe. Vim apenas retransmitir o recado de uma formiga, incapaz de voar. Tchau!

Antes do idoso responder, a abelha disparou através dos arbustos.

Obviamente, "a toda velocidade" era pouco mais que força de expressão, partindo do velho jabuti, cujos movimentos tornaram-se mais vagarosos com a idade até perante seus semelhantes.

Levou pouco mais de uma hora para chegar a um buraco nas rochas, lar de Zé Bode. A subida irregular e os vãos entre as pedras dificultaram a jornada — para não mencionar o fato de Tirugo ser um ancião e as patas dos jabutis serem curtinhas. Alguns diriam, inclusive, ter sido um milagre ele executar tamanho feito. Sua realização viria a se tornar mais uma das várias lendas da floresta e um dos inexpugnáveis enigmas da mata.

Muitos animais já se encontravam no local: a esposa e a filha de Zé Bode, o casal de pardais Gruc e Cristal, o papagaio Verdolengo; Bira, o tatu-bola, a sonhadora lagartixa Goiabela; Jaca, o jacaré vegano; Pisca-Pisca, o galante vaga-lume, a libélula Arisca, o macaco Zé Mico; Pintado, o gato do mato e vários outros. Tirugo percebeu que alguns deles percorreram longas distâncias para vir se despedir de Zé Bode: uns vieram do Vale das Serpentes; outros, da Campina do Trigo, da Figueira dos Tucanos e até do Rio das Pedras Verdes. Sinceramente, foi uma surpresa — e poucas coisas podiam surpreender o vivido jabuti —, pois não imaginara ser o bode mal-humorado tão popular. Talvez esse fato também pudesse ser incluído entre os insondáveis mistérios.

"Vivendo e aprendendo", pensou Tirugo, exausto.

Cumprimentou a quantos pôde:

— Gruc... Cristal... Verdolengo... Bira... Goiabela...

Naquela lentidão extrema que lhe era peculiar, o quelônio — conduzido pela esposa e filha de Zé Bode — encontrou o ruminante no interior do buraco. Estava deitado em um monte de palha seca que servia tanto de cama quanto de aperitivo. Teve dificuldade em recordar quando fora a última vez que vira Zé Bode e a família reunida, pois a idade avançada o tornara uma espécie de eremita.

— Zé... — sussurrou Tirugo.

O outro ergueu as pálpebras.

— Mestre Tirugo, *você veio!* — exclamou o bode velho, barbicha trêmula. Era um dos raros animais a tratar o venerando jabuti dessa forma. E, num derradeiro ato de rabugice, virou-se para os outros: — Saíam todos! Preciso conversar a sós com ele.

Relutantes, mãe e filha deixaram a toca, acompanhadas dos demais.

Foi só quando se encontravam sozinhos que a máscara caiu.

Tirugo viu a insegurança e o medo estampados nos olhos do amigo. Também assaltava-o o pensamento sobre o destino do cônjuge e da filha.

— O que serão delas?

— A comunidade cuidará de ambas.

— Assim espero... O tempo voou, Mestre.

— Sim, ainda me lembro de quando você nasceu. Foi um filhote bem espoleta, saltitando de um canto a outro como se tivesse pisado num formigueiro. E quando se tornou meu aluno? Atazanava os coleguinhas, dando cabeçadas a torto e a direito...

— Até um novinho pôr fim a minha alegria.

— Sim. Como era mesmo o nome? Rajado! Isso, Rajado...

— Que será que se fez dele? — indagou o bode casualmente.

— Até onde sei, foi para o norte com sua manada, para além da Campina do Trigo.

— Rajado... Nossa, há quanto tempo não penso nele?

— Eu também.

Deixando o rodeio de lado, Zé Bode expressou o que lhe ia no fundo da mente:

— O que é a morte, Mestre Tirugo?

CONTINUA...

PARTE II

O jabuti refletiu por um momento. Já manifestara suas crenças outras vezes, mas, no íntimo, nutria uma certa reserva, pois preferia que cada criatura chegasse as suas próprias conclusões em vez de segui-lo cegamente. Embora tivesse aprendido bastante com seu pai, avô e bisavô — o saudoso Carapaça —, o que mais desejava era despertar a sede pelos mistérios e que, cada qual, fosse saciá-la por seus próprios caminhos. Ademais, era o primeiro a admitir que pouco sabia, em particular naquilo que mais profundo importava.

— Cogito que seja como despertar de um sonho para mergulhar em outro, uma divisa entre duas realidades distintas.

— Pensa, então, haver uma outra vida por lá?

— Senão vida, um estágio de hibernação onde todos os seres que partiram são desprovidos de suas lembranças e ficam a aguardar.

— Aguardar o quê?

— Que sua essência vital, a Luz da Vida, seja novamente necessária e inserida em um corpo físico em formação para que, a partir daí, adquira o dom da vida.

— Então, não existe propriamente uma vida do outro lado? Quero dizer, não vamos conhecer outros bichos, trotar pelos campos, comer, beber, brigar, retrucar?!

Sua voz estridente fez eco no interior da toca:

"Retrucar?... trucar?... car?..."

Embora estivesse nas últimas, Zé Bode conseguia manter uma pequena chama de rabugice acesa.

Tirugo, se tivesse ombros, tê-los-ia erguido.

— Quem sabe? Expus apenas minha teoria, expectativa ou esperança, como preferir. Nunca estive lá, até onde sei. Não tenho conhecimento prático de uma vida anterior ou posterior. O que aconteceu com Nuvem Branca foi um indício. Embora fosse um abacateiro, acreditava ter sido uma gaivota em outra existência. Fui levado a crer que a Luz da Vida habita cada um de nós, sendo, de fato, nossa própria essência. A considerar o que ocorreu depois a ele, talvez essa centelha parta quando o corpo não se faz mais necessário.

Zé Bode cerrou os olhos e ruminou os pensamentos. Sem abri-los, resmungou:

— Não é justo que os bodes vivam poucos anos, enquanto os jabutis duram uma eternidade!

Uma pequena voz se fez ouvir:

— Não reclame de barriga cheia! Eu vivo apenas quarenta dias. E vivo só para o trabalho. Morrerei na labuta como minhas irmãs. Para mim, é o senhor, Zé Bode, que vive tempo demais.

Tirugo apertou os olhos, procurando enxergar na obscuridade a fonte do protesto. Não precisou procurar, pois ela zumbiu e pousou em seu focinho.

— Orvalho?

— Sim, eu voltei. Desculpe a exaltação. Durante o intervalo de nossa conversa, soube da perda de várias irmãs. Minha mãe, digo, Sua Alteza ordenou para eu voltar a fim de mantê-la informada.

Apesar de tudo, Zé Bode, cada vez mais fraco, demonstrou humildade ao dizer:

— Verdade, pequenina. Perdoe-me. Obrigado por ter chamado o Mestre. Reclamar é uma arte. De certo modo, você tem sorte por não encontrar tempo para cultivá-la.

— Sei não — retrucou o inseto. — Acho que acabei de fazer um baita queixume!

Quanto ao quelônio, respondeu:

— Verdade. Tive uma vida extensa, vivi tempo demais. E nossa amiguinha Orvalho vive tempo de menos. Não sei o porquê. Justiça? Como me cabe julgar? Faz parte dos planos traçados pela Grande Luz e independe de nossa vontade. Para mim, você ainda é como uma criança, Zezinho. Quanto a Orvalho, ah, faz jus ao seu nome a cada raiar do dia! A princípio, parece-lhe vantajoso eu viver bastante, mas se há algo que aprendi no oceano de minha ignorância é que todo ganho vem acompanhado por uma perda. Quanto maior o ganho, a perda se faz proporcional. Assim como a noite sucede o dia, a seca segue após a chuva, o fim do verão traz na brisa o prenúncio do outono.

As incontáveis rugas sobre a tez fossilizada se realçaram.

— Carrego o peso de milhares de despedidas, milhares de mortes, milhares de pesares, milhares de saudades. Quantas amizades queridas não vieram, viveram e se foram diante de meus olhos? Quanta tristeza não senti ao ver partir criaturas com as quais convivi, lecionei, compartilhei pensamentos, aconselhei, ouvi suas histórias, temores, esperanças, frustrações e tristezas? Meu coração dói só de pensar! Não sei como suportei o fardo crescente durante tantas estações, meu amigo. E, francamente, quantas vezes eu

não invejei aqueles que se foram, cercados por aqueles que os amavam? Vejo todos irem embora e, receio, quando chegar a minha hora — a qual não tardará —, estarei sozinho.

— Acredita na Grande Luz, Mestre?

Depois de um intervalo, o ancião disse:

— Acredito. Tenho que acreditar, senão, qual seria o sentido de tudo?

— Tem que haver um sentido?

— Sim. Somente o existir não basta.

— Se nossa existência for um ciclo, será que nos conhecemos antes ou tornaremos a nos conhecer depois?

— Pode ser, contudo, se ocorrer, estaremos privados de qualquer memória passada.

— E será que fui carrancudo em uma vida anterior também?

Surpreso, Tirugo fitou o bode. Mais surpreso ficou ao se dar conta de que este fizera um gracejo.

— Quem sabe? — falou o quelônio. — Pode ter sido um tamanduá ou, quem sabe, uma árvore...

— Como a Árvore dos Lamentos.

— Sim... como Nuvem Branca.

— Pensa que Nuvem Branca foi levado pela Grande Luz?

— Nós vimos o que vimos, Zé. O que mais há para se dizer? Talvez ele tenha retornado para nós e sequer saibamos, ele tampouco...

— Gostei de ser chamado de Zezinho, como antigamente.

— Sempre foi Zezinho pra mim, ranzinza.

Zé Bode sorriu.

A Luz da Vida enfraquecia no moribundo, apagava como o fogo em um graveto. Encarou o velho jabuti e, não obstante o próprio estado, sentiu pena do ancião. Não querendo soar irônico, balbuciou:

— Desculpe-me por morrer.

Ao que o jabuti respondeu:

— Desculpe-me por viver.

Orvalho fungou.

Uma das patas de Tirugo tocou o casco fendido do amigo numa terna despedida.

Assim, em paz, Zé Bode partiu.

A abelha retornou para a colmeia.

Os outros animais foram chamados.

A filha desabou em prantos e foi consolada pelas amigas.

A esposa, mais conformada, aceitou resignadamente sua condição de viúva.

— Depois que a menina se acalmar — pediu Mestre Tirugo à mãe — traga-a para mim.

Voltou-se, a seguir, para o corpo do falecido:

— Até breve, Zezinho. Que nos reencontremos na existência vindoura.

Na saída, foi interpelado por Gruc, o pardal, preocupado diante da fisionomia do velho:

— Está bem, Mestre?

— Dentro do possível. E quanto a você, Gruc? Soube que será vovô...

— Verdade, as crianças não são mais crianças. Breve, o senhor terá novos alunos.

Tirugo não respondeu, ciente de que seu tempo também se esgotava.

— O tempo voou, não? — insistiu o pardal.

— Como o soprar do vento, Gruc, como o soprar do vento...

A medida em que as estrelas surgiram e mais e mais animais apareceram, o velho jabuti se embrenhou entre as rochas. Mais abaixo, sumiu mata adentro, sob o luar, rumo ao seu plácido recanto na Lagoa da Meditação.

A natureza deu passagem ao tempo e a novas mudanças.

O resquício de inverno permaneceu teimoso no ar.

A noite chegou no incomum final de tarde.

Como interromper as gotas de chuva?

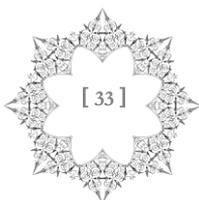
Como impedir o fluir da areia?

Mudanças se sucederam.

Infinitos mistérios.

Morte e vida.

O adeus.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Verde e Denso Organismo

Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de catorze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Muito além do alcance destes sedentos olhos,
numa verde e deslumbrante vastidão,
que à contemplação e cartase, exorta,
a se desenrolarem, deslimitados horizontes.

A encobrir e resguardar animais e plantas
- rebentos de uma riqueza sem par -,
que a eras - tantas! -, vêm sobrevivendo,
esse ondulado manto esmeraldino.

Em simbiose e como parte da floresta,
milenaes singelos e secretivos povos
- os seus senhores, de direito e fato! - ,
que a revisam e protegem, com flechas
e cânticos às suas divindades próprias.

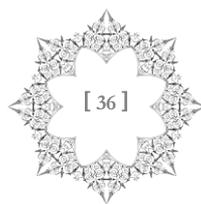
Que infelicidade e desafio para si e os seus,
os aclamados achados nos seus solos que,
se revolvidos pelos gananciosamente
entorpecidos homens "de fora",
cobrirão de chagas, as suas entranhas!

Que desalento entender que todo este verde único,
em meras décadas, se continuada,
a promovida e iniciada destruição,
a ilhas de descaso e incoerência,
o reduzirão!

Quem dera, como berço da vida, vê-lo dignificado!
E para o bem do planeta, achá-lo protegido.
A fluir dos seus recessos, para todos,
o indispensável e puro ar, apenas!

Não se troca por ouro nenhum
- e o futuro mostra-lo-á!- a sua cobertura.

Quem dera sabê-lo de verde, ainda por
longos duradouros tempos, vestido!
E se um dia, a devastação lhe chegasse,
que não fosse a humanas mãos, imputada,
mas como outrora...
o que ao planeta é natural e cíclico.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Onça-Pintada

Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de catorze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Pintada, tão linda!
Dourada e preta,
majestosa!
A lembrar mapas,
por mãos infantis,
com amor, criados.

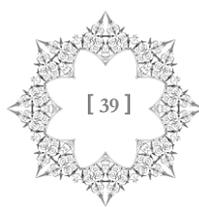
A perfeição,
a Natureza, lhe concedeu.
Metamorfoseou.
Em evolutivo processo,
seu pelo, pintado,
ao acaso, acertado.
Ganhou em beleza,
pavor e respeito.

Olhos tão seguros,
mas, cândidos.
Dentes potentes,
mordedura fatal.
Em alerta, das
ameaças, se esconde.
E, na caça, às suas
presas, surpreende.

Felino altivo, o jaguar
não quer companhia,
só sobreviver,
na mata, a esturrar.
Sem perturbações,
no seu *habitat*,
viver e morrer.

E surgiu a lenda!
No seu reino,
intromissão, não tolera.
A visão do homem,
é-lhe um terror.
Somente lhe traz,
morte e dor.

Onça-pintada,
não é amiga,
nem inimiga.
Mas, solitária,
só quer paz,
e o seu direito
natural, à vida.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Robin, Meu Sabiá!

Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de catorze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Multitude de prazeres
visuais e olfativos,
perfumavam a mente,
que devaneava.
Pelo esplendor daquele jardim,
a andar, refletia.

Robin então, à minha frente, aparecera.
E conversou, cantando.
Sério, mas canoro.
Nos seus suaves
e naturais argumentos,
insistindo.

No meu total desconhecimento,
na minha incapacidade, adquirida,
não o entendi.
Mas, profundamente,
enternecida, o senti.

Robin era amigo.
Mais uma alma próxima
que para trás ficava.
O que nos unira, em minutos,
é passado.
Na memória, só um saudoso ponto.

Ao voltar às minhas linhas,
ilustrar-me era imperativo,
para a minha ignorância, moderar.
O que seria Robin, na minha terra?
Ah, seria nada menos
do que o amado Sabiá!



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI